

Lula critica a 'tal estabilidade fiscal'; Bolsa cai, e dólar dispara

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem em discurso a parlamentares aliados que é preciso mudar a forma de encarar determinados gastos do poder público e que a questão social deve ser colocada à frente de temas que interessam, segundo ele, apenas ao mercado financeiro. Ele fez críticas "à tal estabilidade fiscal", ao teto de gastos e perguntou o motivo de o país ter meta de inflação, mas não de crescimento. As declarações dadas durante a primeira visita de Lula ao Centro Cultural Banco do Brasil, onde funciona a transição, foram mal recebidas entre economistas, que viram sinais de aumento de dispêndio no próximo ano e risco de elevação da dívida pública.

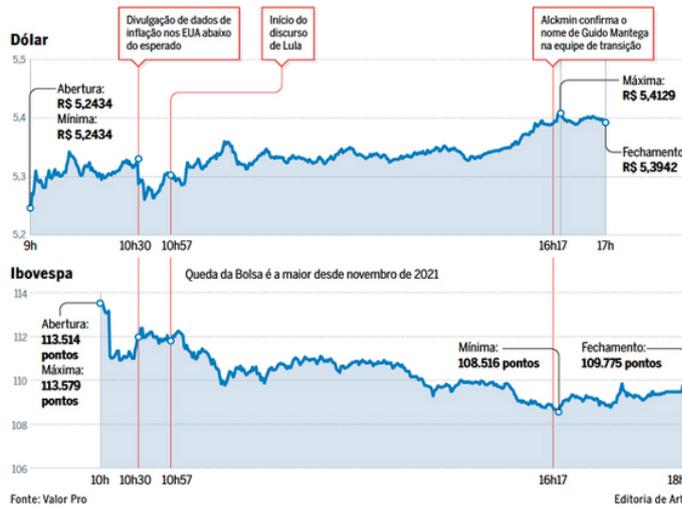
Com isso, o dólar subiu 4,1%, a maior alta diária desde março de 2020, e encerrou o pregão a R\$ 5,39. No mercado de ações, o Ibovespa caiu 3,35%, aos 109.775 pontos, a queda mais acentuada desde novembro de 2021.

— Por que as pessoas são levadas a sofrer por conta de garantir a tal da estabilidade fiscal deste país? Por que toda hora as pessoas falam que é preciso cortar gastos, que é preciso fazer superávit, que é preciso fazer teto de gastos? Por que as mesmas pessoas que discutem teto de gastos com seriedade não discutem a questão social neste país? — disse Lula. — Muitas coisas que são consideradas como gastos neste país precisam passar a ser encaradas como investimento. Não é possível que se tenha cortado dinheiro da Farmácia Popular em nome de que é preciso cumprir a meta fiscal, a regra de ouro.

REAÇÃO DO MERCADO

Lula critica estabilidade fiscal, e dólar sobe 4%, maior alta desde 2020. Bolsa cai 3,35%

IMPACTO DAS DECLARAÇÕES



SEM 'FIATAR' PETROBRAS
A regra de ouro impede que o governo se endivide para pagar despesas correntes, como salários, enquanto a meta fiscal prevê uma meta para o resultado das contas públicas. Já o teto de gastos trava o crescimento das despesas federais à inflação do ano anterior. Essas são as três regras fiscais em vigor no país.

— Sabe qual é a regra de ouro neste país? É garantir que nenhuma criança vá dormir sem tomar um copo de leite e acorde sem ter um pão com manteiga para comer todo dia — disse o presidente eleito. — Por que o povo pobre

não está na planilha da discussão da macroeconomia? Por que a gente tem meta de inflação, mas não tem meta de crescimento?

Lula se emocionou durante o discurso ao citar a volta da fome no país e disse que seria sua missão combatê-la.

O presidente eleito afirmou ainda que a Petrobras não será "fatiada" e que o Banco do Brasil não será privatizado em seu futuro governo, assim como a Caixa Econômica Federal:

— A Petrobras não vai ser fatiada, quero dizer que o Banco do Brasil não vai ser privatizado, assim como a

Caixa Econômica e o BNDES, o BNB (Banco do Nordeste) e o Basa (Banco da Amazônia) voltarão ser bancos de investimento, inclusive para pequenos e médios empreendedores.

No centro das discussões está a elaboração da chamada "proposta de emenda à Constituição (PEC) da Transição", que busca levantar recursos para manter o pagamento do Bolsa Família em R\$ 600, reajustar o salário mínimo, recompor verbas para programas como o Farmácia Popular e para obras e investimentos.

A saída encontrada foi re-

tirar o Bolsa Família do teto de gastos. Pagar o benefício de R\$ 600 e garantir R\$ 150 adicionais a famílias com crianças de até 6 anos custaria R\$ 175 bilhões, que funcionariam como uma licença para gastar. Os recursos previstos originalmente no Orçamento pelo atual governo para este fim, de R\$ 105 bilhões, seriam remanejados para outras despesas, como o salário mínimo, por exemplo.

Integrantes do PT trabalhavam ainda na noite de ontem para entregar o texto da PEC após submeter os principais pontos do projeto a li-

deranças do Congresso. O texto, até agora, prevê que sejam retirados do teto de gastos o Bolsa Família, de forma permanente, e 2% dos recursos obtidos com receitas extraordinárias do governo.

'NERVOSO À TOA', DIZ LULA
Após a repercussão negativa das declarações em discurso, no fim do dia Lula comparou a reação do mercado com o comportamento ao longo dos quatro anos do atual governo:

— O mercado fica nervoso à toa. Nunca vi mercado tão sensível como o nosso. É engraçado que o mercado não ficou nervoso nos

quatro anos de Bolsonaro. Economistas temem que o aumento das despesas com programas sociais fora do teto abra caminho para gastos ainda maiores. O risco quando os dispêndios sobem de forma descontrolada, dizem, é aumentar a dívida pública, a inflação e os juros, o que tem efeito negativo na economia.

— O discurso deu claros indícios de que o avanço sobre as contas públicas deve ocorrer, mas o que não se coloca é que países que escolheram priorizar a estabilidade social sofrem hoje instabilidade social muito maior. Descontrole fiscal leva à inflação, desbalanço na economia que concentram riqueza e ferem as populações mais necessitadas — afirmou o sócio e gestor da Galapagos Capital, Fábio Guarda.

Outro fator que atraiu a atenção do mercado foi o anúncio de que o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega fará parte da transição no Planejamento.

Para o estrategista-chefe do Banco Mizuho, Luciano Rostagno, o discurso de Lula foi na linha de declaração de campanha, o que gerou apreensão entre os investidores:

— Toda a discussão da "PEC da Transição" parte da ideia de que é preciso aumentar gastos para conseguir determinados objetivos, mas o mercado sabe que o país já está altamente endividado. Aumento de gastos sem contrapartida gera temor de a dívida pública voltar a subir e seguir trajetória de endividamento insustentável.

Segundo Carlos Kawall, ex-secretário do Tesouro Nacional e sócio-fundador da Oriz Partners, o rumo do debate dificulta o trabalho do Banco Central e pode levar a uma redução menor da taxa básica de juros. Ele lembra que a queda dos juros tem efeito benéfico na economia como um todo. Para Kawall, é um equívoco iniciar esse debate sem a escolha do ministro da Fazenda:

— Nunca vimos um governo eleito, antes de tomar posse, negociar com o Congresso um pacote com aumento de gastos dessa magnitude sem ter escolhido sequer o ministro da Fazenda e a equipe econômica. O que estamos vendo é uma inversão que não faz sentido. (Manoel Ventura, Eliane Oliveira, Geraldina Doca, Fernanda Trisotto, Alice Cravo, Jennifer Gularite, Paula Ferreira, Eduardo Gonçalves, Bruno Góes, Vitor da Costa, João Sorima Neto)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11